

Michael Douglas Santos Lírio Silva

**EDUCAÇÃO ESPECIAL:** análise da educação inclusiva nas aulas de educação física em uma escola do município de BELO HORIZONTE

Belo Horizonte  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
2014

Michael Douglas Santos Lírio Silva

**EDUCAÇÃO ESPECIAL:** análise da educação inclusiva nas aulas de educação física em uma escola do município de BELO HORIZONTE

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial À obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Moreno

Belo Horizonte  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
2014

## **AGRADECIMENTOS**

Mais uma etapa está sendo concluída. Muitos foram os momentos de desespero e de tensões, mas mesmo assim consegui força e determinação para chegar ao fim deste trabalho.

Primeiramente agradeço a Deus por ter me guiado para chegar até aqui, sem a perseverança de que eu iria dar conta e sem a certeza que ele iria me ajudar, eu não teria conseguido.

Agradeço em especial a minha orientadora Andrea Moreno, por ter me acolhido e aceitado me orientar em um período curto e de muita correria.

Agradeço ao João Carlos por ter me conduzido em meu trabalho de campo e por ter me recebido tão bem dentro da Escola em que realizei esta pesquisa, sem ele eu não teria chances nenhuma de terminar este trabalho. Aproveito também para agradecer a Escola e aos sujeitos participantes dessa pesquisa, eles foram de fundamental importância para a realização dela.

Agradeço a minha família, aos meus pais, meus tios e tias, aos meus primos e primas que me ouviram e me deram apoio quando eu precisei.

Agradeço aos meus amigos e amigas tantos os que carrego comigo de outras épocas, quanto aos que adquiri em minha graduação, pois muitos foram os momentos que compartilhamos e muitos foram os que eles me apoiaram.

Agradeço ao PIBID por ter me instigado a querer pesquisar sobre este tema, por ter enriquecido a minha formação, em especial a Brenda e a Jú, que além de professoras e profissionais que tenho como exemplo, são duas grandes amigas. Agradeço também a Vanessa e a Gleice por terem compartilhado comigo nesses dois anos dentro do PIBID momentos importantes e enriquecedores.

Faço um agradecimento especial às amigas que me acompanham durante esses quatro anos, que comigo viveram alegrias e tristezas, e que assim como eu passaram pela angústia e pela pressão de conseguir realizar o trabalho de conclusão de curso, são elas Alicinha, Filipe, Lud, Lulú e Mamá. Amigas verdadeiras são um dos bens mais preciosos que o homem pode ter, e com vocês eu pude afirmar isso.

*Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena  
Acreditar no sonho que se tem  
Ou que seus planos nunca vão dar certo  
Ou que você nunca vai ser alguém...*

*Mas eu sei que um dia a gente aprende  
Se você quiser alguém em quem confiar  
Confie em si mesmo  
Quem acredita sempre alcança...+*

**Legião Urbana**

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como se dá a educação inclusiva em uma escola do município de Belo Horizonte, em especial nas aulas de Educação Física. Esta escola é tida como referência na região, por receber uma quantidade significativa de alunos deficientes em suas turmas, em especial um grande número de alunos surdos. Foi utilizado como metodologia o estudo de caso, através de observações e entrevistas. Participaram desta pesquisa professores de Educação Física, uma pedagoga e uma auxiliar de apoio à inclusão. Através da análise dos dados, constatou-se que esta escola tem um diferencial entre as demais da rede pública deste município, por atender muitos alunos deficientes e por contar com profissionais que estão envolvidos diretamente com a educação especial, como pedagogas, professores intérpretes e membros da comunidade. Verificou-se também que a estrutura física desta escola não é a adequada para receber esses alunos, mas já teve uma melhora em relação ao que era anteriormente. Em particular nas aulas de Educação Física, o processo de inclusão ainda precisa ser amadurecido, entretanto já há um progresso comparado a outras instituições de ensino. Conclui-se, a partir do estudo realizado, que embora a escola seja uma referência em educação especial, ainda não pode ser considerada como uma escola inclusiva. Percebemos, no entanto, um claro processo de efetivação dessa característica.

Palavras-chave: Educação especial. Educação inclusiva. Educação Física escolar.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2. CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO .....</b>	<b>8</b>
2.1 Ordenamentos legais para a Educação Especial .....	8
2.2 A Educação Especial na Educação Física.....	11
<b>3. ABORDAGEM METODOLGICA .....</b>	<b>15</b>
3.1. Escolha da Abordagem Metodológica e Técnica de Coleta de Dados ....	15
3.2 O Local da Pesquisa.....	16
3.3 Os Sujeitos Participantes da Pesquisa .....	17
<b>4. ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>18</b>
4.1 Conhecendo o local da pesquisa: contando histórias .....	18
4.2. Análise das Entrevistas.....	23
4.2.1 Educação Especial e Educação Inclusiva .....	24
4.2.2 Educação especial, Educação Inclusiva e Educação Física .....	27
4.2.3 Educação Especial e Educação Inclusiva nesta instituição de ensino.....	30
4.3 Conversas informais com sujeitos da pesquisa .....	35
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>44</b>
Apêndice I: Roteiro de entrevista .....	44

## 1. INTRODUÇÃO

Meu interesse pelo tema educação especial começou com a minha participação em um programa de iniciação a docência (PIBID . Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência), em uma escola municipal da rede pública de Belo Horizonte. Particpei neste programa, exatamente dois anos, permanecendo desde o segundo semestre de 2012 até o segundo de 2014. Nesta escola observei e ministrei aulas de Educação Física para o primeiro e segundo ciclo do ensino fundamental.

Vim observando que em cada turma desta escola (1º e 2º ciclo), havia pelo menos um aluno com alguma deficiência (deficiência motora, deficiência cognitiva, hiperatividade, autismo, e outras). Durante as aulas de Educação Física percebi que, estes alunos não participavam das aulas, muitas vezes nem iam para as quadras, ou em outros locais que estivesse acontecendo a aula no momento, ficavam mesmo dentro de sala fazendo outras coisas. Outros quando participavam, ficavam sentados ouvindo as explicações de alguma atividade proposta pelos professores, mas quando a prática começava, estes eram logo desviados para outros locais da escola. Outros alunos, diagnosticados como hiperativos, muitas vezes ficavam super agitados, se envolvendo em brigas e confusões com outros colegas.

Não sei se pela falta de preparo dos professores, ou se estes não tiveram disciplinas na graduação que os capacitassem para trabalhar com este público, ou se mesmo depois de formados não investiram em uma formação continuada que os oferecessem subsídios para trabalhar com estes alunos, não demonstraram ou não conseguiram, maneiras de tentar inseri-los nas aulas.

Observando isto e refletindo sobre as disciplinas que já cursei na graduação e sobre currículo do curso de licenciatura em Educação Física da universidade que estudo, percebi que não há nenhuma disciplina que instrua o professor de Educação Física formado nesta instituição, a ir para escola e trabalhar com alunos deficientes. É apenas ofertada nos períodos iniciais uma disciplina teórica denominada teoria da atividade física adaptada, mas que nada prepara para trabalhar com alunos deficientes.

Essa afirmação se comprova, através de um estudo realizado nesta universidade, que conclui que os alunos formados nesta instituição não estão preparados para atuar com alunos deficientes nas escolas.

A maioria dos professores entrevistados afirma que os alunos formados por esta instituição de ensino não estão preparados para atuar ante a presença de pessoas deficientes na escola regular. Segundo eles devido à existência de uma única disciplina obrigatória no currículo e por haver uma fragmentação do conhecimento e a ideia de uma padronização do corpo como se todas as pessoas tivessem o mesmo ritmo de aprendizagem e rendimento. Para esses professores seria necessária uma mudança curricular para que os alunos da instituição tenham uma formação que os capacite a atuarem na presença de pessoas deficientes na escola. (NOGUEIRA, 2010, p.33)

Pensando na realidade que presenciei na escola participante do programa de iniciação à docência e levando-se em consideração o curso de Educação Física da universidade que estudo, **pude fazer alguns questionamentos**: como acontece a educação inclusiva nas escolas? Como os professores de Educação Física têm incluído e preparado suas aulas para atender alunos com deficiência? Estes professores tiveram disciplinas em sua graduação que os capacitaram trabalhar com esses alunos? Depois que formados investiram em algum tipo de formação continuada que os ofereceram subsídios para atuar com este público?

Intrigado pelo que já tinha vivenciado na escola **participante** do programa de iniciação à docência, e motivado pelas questões levantadas anteriormente, busco com este estudo, analisar como acontece à educação inclusiva em uma escola municipal de Belo Horizonte, e particularmente como acontece à inclusão nas aulas de Educação Física.

## 2. CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

### 2.1 Ordenamentos legais para a Educação Especial

Pensar em uma educação inclusiva é pensar em uma educação que atenda a todos os alunos, permitindo estes estarem juntos, aprendendo e participando sem nenhum tipo de preconceito e discriminação. Ao longo do tempo, vem aumentando o número de alunos com algum tipo de deficiência, matriculados nas escolas de ensino básico. Segundo o Censo Escolar da Educação Básica (2012), %constata-se um aumento de 9,1% no número de matrículas nessa modalidade de ensino, que passou de 752.305 matrículas em 2011 para 820.433 em 2012+ (Censo Escolar da Educação Básica, 2012, p.27). O mesmo Censo, afirma que: %62,7% das matrículas da educação especial em 2007 estavam nas escolas públicas e 37,3% nas escolas privadas. Em 2012, esses números alcançaram 78,2% nas públicas e 21,8% nas escolas privadas+ (Censo Escolar da Educação Básica, 2012, p.28).

Analisando os números levantados pelo Censo em consonância com que observamos em nosso cotidiano, cresce e bastante o número de alunos com deficiência nas escolas da rede regular de ensino, tanto públicas quanto privadas.

Segundo o artigo 205 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a educação é direito de todos e dever do Estado. A mesma constituição em seu artigo 206, inciso I, diz que o ensino será ministrado com base na %igualdade de condições para o acesso e permanência na escola+. Os incisos III e V do artigo 208 da mesma constituição, falam respectivamente que, o dever do Estado com a educação é garantir %atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino+e %acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um+. (BRASIL. Constituição, 1988)

Com base no que a Constituição Federal regulamenta, e com os dados que o censo escolar da educação básica (2012) aponta, se formos observar dentro das escolas, estes alunos estão sendo realmente incluídos em todas as disciplinas e no currículo da escola, sendo atendidos para que suas necessidades sejam supridas, ou apenas estão compondo o número de alunos dentro delas? Outros questionamentos também podem ser feitos, quanto à inclusão destes alunos dentro das escolas, como por exemplo, se estes estão sendo aceitos por toda a comunidade escolar (alunos, pais, funcionários)? Estão sendo alvos de preconceitos? Se sim, como a escola tem cuidado para que isso seja resolvido?

Outras leis e decretos falam mais da educação especial, como a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, intitulada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu capítulo V, artigo 58, diz que:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

No mesmo capítulo, o inciso I do artigo 59, aponta que:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: currículos, métodos, técnicas, recursos e educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades. (BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

O parágrafo único do artigo 60, afirma que:

O poder público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com deficiência, transtorno globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio as instituições previstas neste artigo. (BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

O decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, em seu artigo 1, inciso I, decreta que o Estado deve dar ~~garantia~~ de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, sem discriminação e com, base na igualdade de oportunidades, e o inciso III aponta a ~~não~~ exclusão do sistema educacional geral sob alegação de deficiência. (BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011).

As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, no artigo 2º, determina que:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001)

A Educação Especial anteriormente às leis e diretrizes que a regem atualmente, era organizada paralela à educação comum, cabendo a instituições especializadas atenderem alunos que apresentavam deficiência ou que não se adequassem a estrutura dos sistemas de ensino. Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2007):

Essa concepção exerceu impacto duradouro na história da educação especial, resultando em práticas que enfatizavam os aspectos relacionados à deficiência, em contraposição a sua dimensão pedagógica. (Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2007)

A mesma política, cita a Declaração de Salamanca (1994), na qual proclama que:

As escolas regulares com orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias e que alunos com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, tendo como princípio orientador que as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras. (Política Nacional de Educação

Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2007, *apud* Declaração de Salamanca, 1994)

Outros apontamentos são feitos pela mesma política acima citada, afirmando que:

Cabe aos sistemas de ensino, ao organizar a educação especial na perspectiva da educação inclusiva, disponibilizar as funções de instrutor, tradutor/intérprete de Libras e guia-interprete, bem como de monitor ou cuidador dos alunos com necessidades de apoio nas atividades de higiene, alimentação, locomoção, entre outras, que exijam auxílio constante no cotidiano escolar. Os sistemas de ensino devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e à comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender as necessidades educacionais de todos os alunos. A acessibilidade deve ser assegurada mediante a eliminação de barreiras arquitetônicas, urbanísticas, na edificação . incluindo instalações, equipamentos e mobiliários . e nos transportes escolares, bem como as barreiras nas comunicações e informações. (Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2007).

## 2.2 A Educação Especial na Educação Física

Ao longo da história é possível perceber como os alunos com deficiência são discriminados e separados de atividades realizadas pelos indivíduos ditos "normais". Segundo Lima (2006), esses alunos já foram historicamente rotulados de diferentes formas: portadores de doenças contagiosas, incapazes, retardados, fora dos padrões estéticos estabelecidos na sociedade. A autora afirma que muitos foram considerados incapazes, inválidos, inferiores, antes que fossem vistos como cidadãos com direitos e deveres.

A Educação especial voltada para as pessoas com deficiência, começou no século XVIII. Lima (2006) diz que a proposta de educação especial surge com a ideia de uma educação para todos, que denunciava a discriminação e a exclusão social. Entretanto, estes alunos com deficiência não compunham as classes regulares, a mesma autora afirma que:

No entanto, ainda se considerava o atendimento separado, segregado, a melhor alternativa para as pessoas com deficiência: até a década de 1960, as crianças com deficiência não eram atendidas pelo sistema regular, e a Educação Especial só recebia um contingente de 10 a 15% do total dessas crianças. Além disso, a população que conseguia ter acesso à Escola Especial quase nada aprendia, condenada a exercícios mecânicos e repetitivos. (LIMA, 2006, p. 28).

Nas aulas de Educação Física esses alunos muitas vezes ou quase nunca são incluídos nas aulas. Isso pode ser conseqüência de diversos fatores, como o despreparo e a falta de experiência com esse público por parte dos professores, a desmotivação por não saberem como atuar com eles e a falta de materiais e espaços que melhor atendem esses alunos.

Chicon (2008) aponta que:

As pesquisas indicam que o despreparo profissional e a desinformação são apontados, pela grande maioria dos profissionais da educação, como a causa do não atendimento educacional dos alunos com necessidades educativas especiais que frequentam as classes regulares. Com isso, está havendo um forte movimento em prol da formação inicial e continuada dos profissionais da educação, com o objetivo de qualificá-los para atender à diversidade encontrada no interior da escola. (CHICON, 2008, p.28)

Sem entrar muito nesta questão, a Educação Física, até chegar ao que hoje ela é, passou por várias fases históricas. Concepções médico-higienista, militarista, biológica e esportiva deram sentido a várias práticas em diferentes épocas, e em cada uma dessas concepções os alunos com deficiência foram tratados de diferentes formas.

Ainda citando Chicon (2008), apoiado em Betti (1994), diz que:

A Escola de Educação Física do Exército era o principal agente formador de professores de Educação Física da época (período militar), e conseqüentemente os professores formados com base nessa concepção colocavam na em prática, nas aulas de Educação Física realizada no contexto escolar não aceitando alunos com necessidades educacionais especiais e deixando à margem os alunos menos habilidosos ou aptos. Práticas que, por sinal, se arrastam até os dias atuais. (CHICON, 2008, p.18)

O mesmo autor também afirma que:

Os métodos de ensino utilizados na Educação Física (método ginástico e do esporte performance), todos voltados, predominantemente, para o fazer, com uma concepção e homem/corpo orientada para a eugeniização da raça, numa perspectiva biológica, a-histórica e acrítica, seguindo princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, não favoreciam a inclusão daquelas pessoas que apresentavam pouca habilidade motora e as que apresentavam algum tipo de incapacidade/deficiência. (CHICON, 2008, p.22-23).

A Educação Física começa a se preocupar com a atividade física e o esporte para pessoas deficientes apenas, aproximadamente, no final dos anos de 1950, e o enfoque inicial para a prática dessas atividades foi o médico. Os programas eram denominados ginástica médica e tinham a finalidade de prevenir doenças, utilizando para tanto exercícios corretivos e de prevenção, ou seja, eram relacionados com a reabilitação (CHICON, 2008, *apud* COSTA; SOUSA, 2004).

Segundo Gorgatti e Rose Júnior (2009):

Talvez por confundirem deficiência com doença, talvez por comodismo ou total falta de informação, o fato é que muitos professores ainda atualmente privam seus alunos com deficiência da oportunidade crucial de vivenciarem experiências motoras e recreativas, o que fatalmente trará conseqüências por vezes irreparáveis. (GORGATTI, ROSE JÚNIOR, 2009, p.119-120)

A Educação Física é direito de todos os alunos, sem ou com deficiência, mas muitos deles são dispensados das aulas, às vezes por exigência dos pais que acham que seus filhos vão se machucar fazendo a prática de alguma atividade física, às vezes por decisão da direção da escola por achar que a inclusão desses alunos nas aulas irá trazer algum prejuízo para os outros alunos da turma ou às

vezes pelo próprio professor, por não saber como incluir esses alunos em suas aulas.

Gorgatti e Rose Júnior (2009) realizaram uma pesquisa com a intenção de avaliar quais percepções os professores de educação física apresentavam diante de alunos com deficiência inclusos nas classes regulares e qual o tipo de apoio que eles recebiam para a otimização de seu trabalho junto a essa população especial. Os resultados mostraram que ainda que os professores demonstrassem atitudes positivas com relação à inclusão, acreditavam ser necessária a formação continuada, maior número de horas de ensino e estágio na graduação sobre a temática da educação física adaptada e parcerias entre setores públicos e privados para a geração de verbas. Fica clara também a ideia de que a simples promulgação de leis não garante o acesso de todos à escola.

Avaliando os levantamentos feitos até agora, pode-se perceber que o processo de inclusão de alunos deficientes nas aulas de Educação Física nem sempre aconteceu, pelo contrário, muitas vezes esses alunos foram excluídos das aulas por não estarem de acordo com as exigências da época ou por não se enquadrarem nos modelos estabelecidos. Fica claro então, que os professores precisam ser devidamente preparados e esclarecidos sobre as possibilidades para trabalhar com esses alunos e para que o processo de inclusão realmente aconteça precisa haver o apoio da escola e da rede de ensino.

### 3. ABORDAGEM METODOLÓGICA

#### 3.1. Escolha da Abordagem Metodológica e Técnica de Coleta de Dados

Para o desenvolvimento desse estudo, foi escolhida a pesquisa qualitativa, segundo Lakatos e Marconi (2008):

A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc... (LAKATOS, MARCONI, 2008)

As mesmas autoras afirmam que:

Por meio do método qualitativo, o investigador entra em contato direto e prolongado com o indivíduo ou grupos humanos, com o ambiente e a situação que está sendo investigada, permitindo um contato de perto com as informações. (LAKATOS, MARCONI, 2008)

A pesquisa será realizada através do estudo de caso, Ludke e André (1986) também colocam que o interesse do estudo de caso está na particularidade, ou seja, na singularidade do caso escolhido, mesmo que este reflita algo comum a outros estudos. Eles visam à descoberta, o retrato da realidade de forma profunda e utilizam várias fontes de informações.

A coleta de dados foi feita através de entrevistas semi-estruturadas e de observações de aulas de Educação Física e da escola como um todo. Segundo Lakatos e Marconi (2008) o principal interesse do pesquisador é conhecer o significado que o entrevistado dá aos fenômenos e eventos de sua vida cotidiana, utilizando seus próprios termos. A entrevista permite o tratamento de assunto de

caráter pessoal+. As mesmas autoras colocam que a entrevista semi-estruturada é quando o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente a questão+. (LAKATOS, MARCONI, 2008).

Portanto, escolhi a entrevista, pois, pretendo adquirir informações importantes para analisar e entender as perspectivas e experiências das pessoas entrevistada, buscando compreender como elas dialogam com o tema educação especial dentro da escola escolhida. Foi denominado nomes fictícios aos participantes entrevistados.

A observação foi escolhida para poder complementar as entrevistas realizadas, conseguindo assim fazer uma análise mais fiel das respostas adquiridas com o que realmente acontece dentro da escola. Ludke e André (1986) colocam que a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, chegando assim, mais perto da perspectiva dos sujeitos+. (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p.26)

### 3.2 O Local da Pesquisa

O local da pesquisa foi uma escola municipal da rede pública de Belo Horizonte. A escolha desta escola se deu por ela receber muitos alunos deficientes e por isso ser referência na região nesse tipo de atendimento.

### 3.3 Os Sujeitos Participantes da Pesquisa

Os sujeitos participantes da pesquisa são dois professores de Educação Física da escola escolhida, uma pedagoga, uma auxiliar de inclusão e o coordenador do Programa Escola Integrada desta escola.

Escolhi essas pessoas por elas estarem envolvidas diretamente com os alunos deficientes, seja dentro de sala de aula ou em outros espaços da escola, podendo assim perceber como elas dialogam com o tema educação especial, contribuindo então com informações que ajudam a atingir o objetivo deste estudo.

## 4. ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados será feita da seguinte forma: realizarei uma descrição através do que eu observei na escola durante os dias que estive lá presente e complementarei esta com a análise das entrevistas que realizei com os sujeitos que compõem este estudo.

As questões das entrevistas foram divididas em três blocos, sendo o primeiro composto por questões referentes ao conceito de educação especial e educação inclusiva, o segundo sobre as aulas de educação física e o terceiro sobre a escola.

### 4.1 Conhecendo o local da pesquisa: contando histórias

No primeiro dia em que estive na escola fui recebido pelo Eduardo, coordenador do Programa Escola Integrada. Chegando a sua sala expliquei o objetivo da minha pesquisa e o que eu queria investigar com as observações. Neste mesmo instante entrou na sala um aluno surdo pedindo uma bola emprestada. Através de sinais e de alguns gestos, Eduardo disse ao aluno que aquele não era o momento adequado para ele vir pedir materiais emprestados e que ele deveria voltar para aula. Mesmo sendo surdo o aluno consegue compreender bem o que o Eduardo disse, e por outro lado, Eduardo também consegue se comunicar bem com aquele aluno.

Depois de ouvir quais eram meus objetivos com a pesquisa, Eduardo me explicou que esta escola é referência em receber alunos deficientes, segundo ele na escola haviam alguns alunos deficientes, mas com o tempo foi recebendo mais e mais, e hoje é referência no atendimento deles. Ele me conta também a sua função dentro da escola que é a de coordenador do programa escola integrada. Ele diz que já foi professor de Educação Física dessa escola, anteriormente a este cargo.

Ele me relata também que a escola possui turmas só de surdos e que a surdez é algo difícil de caracterizar, uma vez que cada aluno surdo possui um resíduo sonoro diferente, ou seja, alguns não escutam nada, outros bem pouco e outros um pouco melhor. Em seguida Eduardo me mostrou os espaços da escola e me apresentou aos funcionários, desde a direção até o pessoal da limpeza.

Depois disso me levou para a sala dos professores, onde estavam todos reunidos, para poder falar da pesquisa que eu estaria desenvolvendo na escola. Dentro da sala dos professores pude fazer algumas constatações importantes, percebi que existe a presença de professores surdos, intérpretes e também professores ouvintes, mas que dominam a língua brasileira de sinais (LIBRAS). Interessante reparar que os professores ocupam lugares específicos na disposição das cadeiras à mesa, por exemplo, os professores surdos, os intérpretes e os professores que tem conhecimento de LIBRAS, ocupam a primeira parte da mesa próxima à porta. No meio estão os professores que mantêm um diálogo maior com os anteriormente citados, e na outra ponta da mesa estão os professores que não tem um envolvimento tão grande com a educação especial.

Conversando com o Eduardo, ele me relata que os professores sentam-se sempre no mesmo lugar, ou seja, existem sempre essas disposições separadas por grupos. Continuando, fui apresentado aos dois professores de Educação Física daquele turno, interessante que um deles tem uma deficiência motora no braço direito. Naquela hora veio uma pessoa dar um recado dentro da sala, interessante perceber que os intérpretes traduzem os que recados através da LIBRAS para os professores surdos.

Depois do sinal fui direcionado a assistir a aula de Educação Física do professor Rodrigo, que por sinal, seria a aula de uma turma de surdos. Fui junto com ele para a quadra. O conteúdo da aula era voleibol. Dentro da aula há a presença do interprete. O professor pede para que os alunos sentem-se na arquibancada e explica a atividade, o interprete simultaneamente realiza a tradução das explicações do professor Rodrigo. Então ele separa os alunos em duas equipes e os distribuem pela quadra de voleibol. Nesta atividade os alunos deveriam a partir do saque, segurar a bola, passar um pro outro até completar três toques e passar a bola para a equipe adversária, que deveria agarrá-la sem deixá-la cair no chão, que caso isso acontecesse era ponto para a outra equipe. Segundo o professor os alunos possuem muita dificuldade e esta atividade serviria para eles treinarem deslocamento.

Percebo que esta turma é altamente competitiva e que mesmo com as dificuldades os alunos demonstram muito interesse pela atividade. O professor mesmo não tendo conhecimento de LIBRAS consegue manter uma comunicação com a turma, só em alguns casos ele recorre ao interprete. Os alunos também conseguem entender o que ele quer dizer. A aula tem uma fluência relativamente boa, alguns alunos que estavam participando resolvem sentar, mas depois voltam pra atividade. O professor em alguns momentos joga junto com os alunos. Alguns alunos são um pouco dispersos e tem dificuldade em prestar atenção na atividade. Alguns fazem muito barulho quando vão comemorar um ponto, mesmo sendo surdos. Acabando esta aula o professor me convida a assistir a próxima aula que também é para uma turma de surdos, só que com uma faixa etária menor do que esta.

Seguindo a mesma dinâmica da aula anterior, os alunos desta turma realizam a mesma atividade da turma anterior. Da mesma forma que os alunos da outra turma, os desta também são bastante competitivos. Eles tem uma boa relação entre eles e se comunicam muito bem um com o outro. A todo instante um professora surda vem há a quadra para conversar com os alunos surdos, parece

que eles a consideram muito, pois ficam muito tempo conversando com ela. Uma aluna surda se aproxima de mim enquanto observo aula. Ela tenta a qualquer custo se comunicar comigo e saber o que eu estou escrevendo. Mesmo não tendo conhecimento nenhum sobre LIBRAS, tento me comunicar com ela, que parece entender o que estou tentando dizer.

Neste primeiro dia pude perceber o andamento desta escola que recebe muito alunos deficientes. No final do turno percebi que a escola tem muitos alunos surdos e que estes não se misturam com os alunos ouvintes. Eduardo até me disse que eles parecem ter uma resistência ou um preconceito com os outros alunos que não são surdos. Segundo eles esses alunos não gostam de se misturar, e quando é proposto alguma coisa que os misturem, eles não costumam participar.

Durante este dia fui abordado por alguns alunos surdos querendo saber quem eu era, eles se dirigiam a mim mesmo sem saber se eu os compreendia bem. Durante o recreio percebi que os alunos surdos ficam juntos entre si, e os ouvintes a mesma coisa. Quanto aos professores percebi a mesma coisa, são poucos que transitam pela sala e conversam com os demais. No geral eles ficam separados em grupo e interagem entre si, talvez isso reflita no comportamento dos alunos que reproduzem essa mesma característica.

No final da minha última visita na escola, combinei com o outro professor de educação física, o Miguel, de observar a aula dele, que também era uma turma só de surdos. Quando cheguei à aula o professor me apresentou para os alunos. A turma tinha poucas pessoas, aproximadamente 10 alunos. Esta turma era de alunos mais velhos, aproximadamente 13/14 anos. Como na aula do outro professor, nesta os intérpretes também estavam presentes. Quando fui apresentado a eles, os alunos perguntaram como eu chamava e me deram um sinal que iria me caracterizar quando algum surdo perguntasse novamente como eu chamava. O conteúdo desta aula era xadrez.

O professor mostra facilidade em comunicar com os alunos mesmo ele tendo me dito que não possui nenhum conhecimento em LIBRAS, somente o que já aprendeu na escola. Esta turma é bem heterogênea na questão de resíduos sonoros, alguns alunos conseguem ouvir algumas coisas, outros não conseguem ouvir absolutamente nada, outros conseguem ler lábios. O professor me diz que possui apenas um tabuleiro de xadrez completo, então ele coloca os alunos para jogarem em duplas, e os demais ficam esperando a partida acabar fazendo outras coisas como rebater com a bola de vôlei ou conversando entre si. A intérprete que está presente participa da aula juntos com os alunos.

O professor relata que essa turma possui duas aulas semanais, uma no ginásio coberto e a outra no pátio. Ele diz que quando a aula é no pátio, ele trabalha com coisas mais leves para poder aproveitar as mesas de xadrez e quando a aula é no ginásio ele está trabalhando com o vôlei. Ele me conta que mesmo os alunos sendo de uma faixa etária maior, eles têm muita dificuldade, jogam o vôlei de agarrar para que o jogo aconteça e tenha uma fluência relativamente boa, se não eles deixam a bola cair toda hora, mas segundo ele quando ele ensinou handebol, os alunos já sabiam muito, até em nível de competição, já jogavam até incluindo noções táticas.

Miguel também me conta que começou a trabalhar xadrez uma semana antes desta aula, e os alunos aprenderam rapidamente. Os alunos se divertem muito na aula, riem bastante e mesmo sendo surdos, fazem muito barulho. Miguel me diz que adora trabalhar com a turma de surdos, e que se pudesse voltar atrás pegaria todas as turmas de surdos. Ele diz que esta com essa turma aproximadamente há uns cinco meses, e que seu convívio com esses alunos está além dos horários de aula com eles.

Durante a aula, os alunos mudam muito de atividade, às vezes jogam, às vezes param e vão fazer outras coisas. Os alunos possuem um bom relacionamento entre si são carinhosos um com os outros, apesar de às vezes fazerem muitas

brincadeiras. Percebo que possuem um clima de competição e rivalidade muito grande entre eles dentro das atividades.

Tive a oportunidade de conversar com o interprete que estava presente nesta aula. Ele me disse que escolheu ser interprete por que gosta da língua de sinais, mas nunca teve nenhum parente ou alguém próximo que seja surdo, segundo ele a área de interprete esta em ascensão.

No final desta aula, Miguel me convidou para conhecer a sala de materiais de Educação Física. Posteriormente me mostrou o planejamento de conteúdos que tinha feito quando entrou para a escola. Ele me disse que pensou em vários conteúdos e por nunca ter trabalhado com surdos não sabia as especificidades que eles tinham, sendo assim, ele planejou muita coisa que não conseguiu realizar, pois fez um planejamento geral para todas as turmas, sendo que cada uma demandava coisas diferentes. Ele disse que percebeu que alguns conteúdos os alunos nunca tinham visto e outros sim, então ele teve que repensar em número de aulas, nas atividades, entre outras coisas da aula.

No final deste dia percebi que tanto as turmas de surdos do professor Miguel quanto às do professor Rodrigo mantém uma boa relação com eles, e que mesmo eles não dominando a língua de sinais, conseguem manter uma comunicação com esses alunos. Segundo relato dos próprios professores, eles dizem que com o tempo foram se acostumando com esses alunos e com o modo que eles se comunicam e que hoje veem que é possível estabelecer um trabalho com alunos deficientes.

#### 4.2. Análise das Entrevistas

#### 4.2.1 Educação Especial e Educação Inclusiva

Perguntei aos professores entrevistados o que eles entendiam por educação especial e educação inclusiva, o professor Miguel responde da seguinte forma:

Pra mim educação especial é uma educação para grupos, pra minorias, grupos que tenham algum tipo de necessidade, eu não queria dizer necessidade especial, por que tem muitas pessoas que têm necessidades especiais, inclusive a gente, em algum momento da vida vamos ter necessidades especiais, mas eu acho que é educação para minorias para grupos minoritários na sociedade. **(Miguel 10/2014)**

Já o professor Eduardo responde da seguinte maneira:

É uma educação voltada para..., ela vai fazer com que outros sujeitos através da possibilidade de acesso possam estar dentro de uma escola. É você priorizar o acesso com que esses sujeitos possam ter os conhecimentos que são oferecidos pela escola. É como você vai pensar na educação para esses sujeitos com suas diferenças. **(Eduardo 10/2014)**

Na fala dos professores é possível perceber que eles concordam que a educação especial vai lidar com grupos minoritários na sociedade. Quando perguntados o que entendiam por educação inclusiva, Miguel responde que inclusão é um processo mais amplo, é incluir essas minorias, fazer com que talvez no futuro elas não sejam tão minorias assim, que sejam tratadas de forma igualitária. Para Eduardo, inclusão está muito ligado à questão do acesso, % como esse aluno vai ter este acesso pra ele ter essa possibilidade de convivência nesse espaço coletivo que é a escola. Eu falo todo tipo de acesso não só o acesso físico a escola, tem que se

priorizar o acesso a tudo.+Na fala de Eduardo percebe-se que ele entende inclusão como um processo amplo que vai além possibilitar o aluno acesso a escola, mas sim acesso a tudo que a escola pode oferecer. Na fala de Miguel fica clara a ideia de que ele entende a inclusão como sinônimo de igualdade, para ele incluir seria acabar com as minorias.

Quando perguntado aos professores o que eles consideram necessário para uma escola ser inclusiva, os dois concordam que é necessário desconstruir padrões estabelecidos na sociedade e que é preciso aceitar as pessoas com suas diferenças e com as experiências que elas trazem.

Acho que precisa ter métodos ou metodologias compartilhadas. Primeiro a gente tem que, talveznde certa forma desconstruir ou desfazer uma desigualdade histórica onde se tem que forçar um pouco a entrada deles e talvez dar alguns benefícios pra eles, pra tentar igualar lá na frente, mas é um processo meio difícil, complicado, mas eu acho que precisa ser igualado os métodos as metodologias, os processos, os espaços, é preciso misturar, algo que a gente não faz muito aqui. É preciso que ambos aprendam e que ambos não sejam prejudicados nesse processo. Eu acho que a gente tem muita dificuldade ainda, por que sempre que a gente mistura um grupo sai perdendo. **(Miguel 10/2014)**

Primeiro ela tem que reconhecer esses sujeitos, entender uma sociedade que é diversificada, são diferentes sujeitos que trazem suas diferenças de fora, que ninguém vai chegar zerado de informações, eles vão aprender mas também vão trazer suas experiências para dentro da escola. Ela tem que ter essa leitura, sem ela é um dificultador, pois não adianta tratar tudo homogêneo. **(Eduardo 10/2014)**

Os professores afirmam que durante sua formação inicial, só as disciplinas durante a graduação foram a base para pelo menos começarem a pensar neste tema, mas segundo eles elas foram básicas e superficiais para compreender

este tema tão amplo, mas mesmo assim elas foram importantes, pois puderam pelo menos informar a existência desses grupos dentro da escola.

Só tive as disciplinas básicas da graduação, fora a isso eu não tive mais nada. Elas deram, elas pelo menos mostraram a existência desses grupos, a existência de um trabalho diferenciado, elas apontaram algumas coisas, mas elas realmente não dão subsídios suficientes. **(Miguel 10/2014)**

Na verdade a faculdade, quando eu formei a gente tinha essas disciplinas, a gente passa por elas de uma maneira impactante, eu falo que a faculdade teve seu papel na minha formação. Eu tinha uma distância com o tema e a faculdade me possibilitou uma aproximação sutil, rápida, mas uma aproximação, e no decorrer da minha trajetória profissional eu fui aproximando disso. Não existe essa questão de preparação eu acho, mas a faculdade foi importantíssima pra minhas primeiras discussões sobre isso, na verdade por mais que eu não tinha um engajamento teórico forte sobre isso, me possibilitou saber que existe um campo de discussão sobre isso. **(Eduardo 10/2014)**

Questionei aos professores qual era o conhecimento deles sobre as leis que regem a educação especial no Brasil. Os dois afirmaram ter pouco conhecimento, e dizem que o que sabem viram durante a graduação ou quando precisaram para alguma prova. Dizem que é importante ter conhecimento disso, mas que ainda não buscaram estudar mais profundamente. Miguel diz que ter o conhecimento dessas regulamentações é importante, mas que elas vão variar no seu cumprimento, de escola para escola.

Conheço muito pouco, lembro de algumas delas até do tempo da graduação, mas só da época da graduação mesmo. Acho importante ter conhecimento, mas ao mesmo tempo quando você chega à realidade escolar, cada escola vai tratar as leis de uma forma, o fato de você conhecer não te garante muita coisa, essas mesmas leis você vai negociá-la de diferentes formas em cada escola que você pisar. É importante, eu até preciso verificar, ajuda sim. Eu preciso conhecer? Claro, eu to trabalhando eu preciso, mas você trabalha com o real com o possível, vai ser diferente em cada escola. Isso no chão da escola é bem diferente. **(Miguel 10/2014)**

Não, conheço muito pouco, alguma coisa, acho que isso exige da gente um estudo maior sobre isso, e não tenho não. Já li algumas coisas para concurso, mas muito superficial, muito pouco. **(Eduardo 10/2014)**

#### 4.2.2 Educação especial, Educação Inclusiva e Educação Física

Quando perguntado para os professores o que eles consideram necessário para que uma aula de Educação Física inclua alunos deficientes, os professores respondem:

É possível incluir essas pessoas sim, mas na educação física principalmente que é a aula... é o momento de maior desafio, principalmente quando se tem mobilidade reduzida, por que é uma aula que lida com o movimento. Até por que quando a gente fala de inclusão e se pensa nas diferentes deficiências e nos diferentes níveis, nossa é um desafio. **(Miguel 10/2014)**

Isso é uma questão que a gente tem sempre que fazer uma reflexão com eles, por que o que acontece com os alunos, primeira coisa é você se organizar para isso, você entender quem é esse público que você está trabalhando, entender que cada um traz sua experiência, entender que aqui é um espaço coletivo pra você trabalhar um conteúdo dentro de um contexto, que você tem que fazer que essas possibilidades de experiências sejam trocadas coletivamente. Princípio básico que você tem que trabalhar com os meninos é de que o outro não tem que ser igual a ele, isso não pode impedir de você de vivenciar uma experiência. Então a aula de educação física é uma reflexão dessas experiências. Então pra aula ser inclusiva você precisa fazer essa reflexão com os meninos o tempo todo e o menino entender que aquele espaço ali é um espaço coletivo de direitos, ele tem direito a aula, mas se você organizar sua aula e mostrar que ela é para todos, vai ter conflito? Vai ter tensão? Vai, mas, esse é o processo. Vai ser difícil? Vai, por que a educação física recebe uma carga de fora, por exemplo a estética, a performance no esporte, então como você muda isso? Sempre na reflexão, no diálogo, mostrando que a educação física tem essa proposta de dialogar sempre com essas questões não só através de conversas, mas também trabalhos, pesquisas. **(Eduardo 10/2014)**

Na fala dos professores é possível perceber que eles apontam ser um desafio trabalhar com a inclusão nas aulas de Educação Física, uma vez que esta disciplina lida com o movimento e também por ela ser influenciada por outros fatores, como padrões de movimentos estabelecidos na sociedade, performance esportiva, o que influencia muito na forma de pensar dos alunos. Não deu para perceber na fala do professor Miguel, uma clareza quanto o que ele acha necessário ter nas aulas de Educação Física para que ela seja inclusiva. Já na fala do professor Eduardo, fica clara a ideia de que ele acha necessário primeiramente conhecer quem são esses alunos que ele vai trabalhar, entender que eles possuem especificidade e experiências diferentes e através disso, a todo o momento, dialogar com os alunos quem são essas pessoas deficientes, colocar para eles que cada um é cada um, e que não precisamos ser iguais e que o aprendizado de cada pessoa dará de formas diferentes.

Perguntei para eles qual é a maior dificuldade em preparar suas aulas de Educação Física para atender esses alunos, eles colocam que:

A maior dificuldade é pensar em adaptações para atender a todos, a expectativa de todos, ou pelo menos a maior parte delas. É impossível atender a todas as expectativas neste momento. A gente trabalha para que no futuro sim, é lutar contra o modelo de sociedade que a gente tem. Os mais aptos os mais fortes, quando a gente faz inclusão eu acho que a gente ta fazendo o oposto do modelo imposto na sociedade por isso que também é um dos maiores desafios. **(Miguel 10/2014)**

Tem dificuldades sim, mas aqui nessa escola é diferente, por ter um número grande de deficientes e eles conviverem, quando chega à aula os alunos já entendem, pra eles já é natural. Eles também não querem excluir os meninos, entendem que isso não é legal, mas que na verdade a gente tenta coloca-lós nas aulas, a gente pede para que eles participem. A dificuldade maior acho que é a questão de tempo dos professores para isso, se você parar para olhar uma turma e se organizar para dar aula para aquela turma e ver que ela tem algumas particularidades, você tem que se organizar mais pra fazer com que esses sujeitos participem. E que o tempo ele é um dificultador é, mas não é impossível não, é uma questão de se organizar mesmo, de ler sobre esses sujeitos, sobre o que eles têm, como que a

gente pode..., tem que fazer esses movimentos de como entendê-lo, de saber qual o diagnóstico que ele tem o que pode ser feito, fazer intervenções sempre colocando ele, não deixando ele de fora, é conversar com ele. A aula gira em torno de várias questões não só do conteúdo, às vezes a gente tem que buscar entendê-los primeiro, pra depois fazer com que eles participem. Essa etapa de aproximação primeiro do professor com o aluno é importante. **(Eduardo 10/2014)**

Os professores têm posições diferentes sobre a pergunta, segundo o professor Miguel a maior dificuldade está em adaptar o conteúdo para que ele atenda a todos os alunos, ele coloca que isso é quase uma tarefa impossível, e que o desafio está em quebrar o modelo em que só se sobressaem os mais aptos, os mais técnicos. Já o professor Eduardo coloca que, a maior dificuldade é a falta de tempo para poder se organizar, para poder planejar suas aulas quando se deparam com uma turma que possui algum aluno deficiente, segundo ele o professor precisa se informar sobre quem são esses alunos, buscar saber sobre eles, para poder ser organizado e a falta de tempo não permite essa aproximação.

Quando perguntados sobre formação continuada, os dois professores colocam que buscam se informar através de livros, conversas informais com outros profissionais e através de cursos ou palestras que ocorrem na escola. O professor Miguel fala que a rede pública em que trabalha não oferece subsídios para seu trabalho e o que ele investe em formação continuada ele é quem corre atrás, mas que por falta de tempo, não investe em cursos ou especializações que aborda o tema. Através de sua fala, Eduardo aponta o cotidiano escolar como um agente formador, uma vez que nele, ele busca se informar a partir do que ouve, segundo ele a escola oferece muitas palestras e debates sobre esse tema.

Eu procurei na prefeitura, por exemplo, onde eu trabalho na rede, teve uma palestra, mas na verdade durou uma vez. Um dos cursos da prefeitura, uma ação da prefeitura que ia ter sobre educação inclusiva, eu fui lá, mas durou só 20 minutos, a mulher falou de um modo geral, que desperta interesse, mas não propõe muita coisa. Tudo que eu procurei com base na prefeitura,

depois você fica sabendo que não tem uma formação para professores, aí por conta de trabalho eu não consegui fazer outras coisas por conta de horários mesmo. O que eu consigo fazer, por exemplo, é assistir aula aqui na escola, essa escola pelo menos ela promove um curso, ela tem intérpretes, instrutores na verdade, de libras que dão cursos, aí no meu horário de projeto, na terça que é o primeiro, eu consigo ir assistir essa aula, mas fora a isso não. Busco me informar um pouco através de leituras, mas... **(Miguel 10/2014)**

Aqui é muito forte a turma de surdos, aí eu tenho me organizado, eu tenho alguns livros sobre surdez, tenho feito algumas leituras sobre cultura surda, e converso com alguns professores que tem mais experiência e também tenho visto alguns trabalhos, e a gente na prefeitura tem possibilidade grande de procurar uma biblioteca, a gente troca muitas informações entre as escolas, muitas palestras constantemente sobre isso, então a gente não para não, são questões que vão aflorando, e tem o cotidiano também, por mais que você faça muito esforço, você tá ouvindo falar muito nisso também, eu vejo que é um movimento. **(Eduardo 10/2014)**

#### 4.2.3 Educação Especial e Educação Inclusiva nesta instituição de ensino

Os dois professores relatam que foi uma surpresa quando vieram para essa escola e souberam que ela recebia um número grande de pessoas deficientes, segundo eles no início assustaram e pensaram %o que eu vou fazer agora?+Eduardo coloca que no início ele assustou, mas que com o tempo ele foi se acostumando e vendo que é possível sim, trabalhar com esses alunos. Miguel compartilha da mesma afirmação e complementa dizendo que hoje em dia ele voltaria atrás e pagaria todas as turmas de surdos da escola, por achar que esses alunos têm uma aceitação melhor.

Você assusta, mas pensa: agora você tem que trabalhar com isso. Como eu te falei, no início eu neguei essas turmas, mas depois eu me arrependi, eles aceitam melhor as atividades propostas, tem uma forma de lidar diferente, obviamente, mas no início você fica um pouco com medo, assustado um pouco, mas com o tempo vai acostumando e aprendendo a lidar. **(Miguel 10/2014)**

Perguntei para os professores como eles veem a relação entre os alunos deficientes com os não deficientes. Miguel pontua que em relação a outras escolas ele acredita que a relação entre esses alunos é a mesma, ou seja, os alunos não deficientes se relacionam com os deficientes com um sentimento de pena, de dó, e que a relação entre eles não passa disso, e o que difere essa escola de outras é que ela tem uma grande quantidade de alunos deficientes, e talvez por isso nela tenha mais relações, mas que essas relações são pontuais. Mesmo assim, ele julga está tendo um avanço nessas relações, pois os alunos estão convivendo mais um com o outro, mesma que essa convivência seja limitada. Eduardo não é claro quanto à forma que esses alunos se relacionam, mas coloca que é um aprendizado essa relação.

Entre as escolas eu não vejo muita diferença. A interação dos alunos não deficientes é a mesma do que a de outras escolas, como a de dó, de pena, pelo menos eu acho que já é um avanço por que pelo menos eles estão convivendo com eles, mas a interação, além disso, é complicado. Você percebe que às vezes a uma maior aceitação, talvez por ter mais naturalmente haja mais interação, mas as escolas que eu passei que tinham menos, eles não eram rejeitados ou não tinha interação, tinha, tinha menos por que era só um ou outro, aqui você vê mais interação por que o número é maior também, mas é uma interação pontual, não quer dizer por que tem mais que os não deficientes vão passar mais tempo, o tempo de interação é o mesmo, eles vem mexem, cumprimentam, trocam palavras, mas só isso. **(Miguel 10/2014)**

A gente aprende muito com esses alunos, com a relação deles, às vezes no cotidiano a gente tem que tomar muito cuidado de não estimular essa separação, eles têm uma diferença, todos temos diferenças, e que na verdade a gente tem que respeitar essa diferença do outro. **(Eduardo 10/2014)**

Pelo fato da escola ter uma quantidade muito grande de alunos deficientes, perguntei aos professores se a escola investia em cursos para capacitar seus funcionários. Eduardo diz que já participou de muitas palestras e debates promovidos pela escola. Miguel diz que não vê muito esse movimento que o que vê acontecendo são cursos de libras oferecido pelos instrutores que trabalham na

escola, segundo ele este curso é oferecido a toda a comunidade e a todos os funcionários e que ele as vezes participa, pois nem sempre tem a disponibilidade de tempo para poder fazer o curso.

Eu não vejo muito não, no caso dos alunos surdos, uma das instrutoras dá aula três vezes por semana pros pais, e os funcionários podem participar, eu, por exemplo, na terça faço aula de libras, de vez em quando por que não é sempre que eu posso, é no meu horário de projeto às vezes demandam outras coisas. Às vezes eu vejo alguém da cantina fazendo aula, junto com alguns pais, é aberta a comunidade, mas fora essa aula eu não vejo mais nada não. **(Miguel 10/2014)**

A fim de saber como era o envolvimento dos pais e como a comunidade se fazia presente neste processo inclusivo, perguntei aos professores como eles viam essa participação. Segundo Miguel a participação dos pais dos alunos deficientes é a mesma dos não deficientes, ou seja, alguns pais tem uma participação efetiva dentro da escola, outros nem tanto, ele coloca também que tem pais que mesmo os filhos sendo deficientes, demandando uma atenção diferenciada, eles não estão nem aí para o que acontece com o filho. Eduardo já pontua uma opinião diferente a de Miguel, dizendo que os pais estão muito presentes na escola, e pelo fato dele estar o dia inteiro na escola, ele vê constantemente a presença deles. Eduardo também coloca que muitos pais questionam essa convivência entre deficientes e não deficientes, mas que ele tenta mostrar para eles que a escola é de todos e que todos tem os mesmos direitos dentro dela.

Os pais tem um envolvimento com a escola da mesma forma como dos alunos não deficientes, é um ou outro, tem pai que é dedicado, vem cobra, acompanha, mas tem aqueles que nem sabem por onde passa. No caso dos alunos surdos, por incrível que pareça tem pais que não sabem libras, não comunica com o filho direito, eu acho um absurdo. **(Miguel 10/2014)**

Sem dúvida, a assembleia nossa aqui, você percebe que eles vem, tem cobrança o tempo todo, eu tive uma experiência diferente esse ano, que foi a de ficar aqui o dia inteiro, então eu pude ter mais experiência para entender a escola em sua organização de compreendê-la como um todo, como ela se dá em termos de dinâmica, e isso é uma outra leitura que a gente vai ter desse espaço. Direto os pais questionam a convivência dos deficientes com os não deficientes, mas a gente coloca que a escola é de todos que os direitos são iguais e eles acabam entendendo. **(Eduardo 10/2014)**

Quando cheguei à escola, os professores me colocaram que ela tinha turmas só de alunos surdos, perguntei para eles então, se eles achavam que essa separação dos surdos das turmas regulares era um processo inclusivo. Eduardo diz que não tem uma opinião formada sobre isso, e que julga não ter experiência suficiente para poder tomar posição neste momento, mas diz que esse questionamento é uma discussão que vem perpetuando dentro da escola, pois há professores que defendem essa separação, talvez até por terem um envolvimento próximo com os surdos, e outros nem tanto. Miguel afirma não ser um processo inclusivo, mas acredita também que só colocar os surdos dentro das turmas regulares também não é inclusão, pois necessita de metodologias que vá atender as especificidades desses alunos. Outro dado que os dois professores levantam, é de que os alunos surdos também têm uma resistência em participar de aulas com alunos ouvintes, eles afirmam que os surdos são um grupo bem forte dentro da escola, e quando um se envolve em algum atrito, todos os outros também se envolvem. Miguel diz que falta ações mediadoras por parte da escola e dos professores para poder promover uma união entre os alunos surdos e os alunos ouvintes.

Eu não sei se existe semi-inclusivo, mas não é inclusivo não, se for pensar em inclusivo mesmo, não é muito, quando você falou de inclusão eu falei de misturar métodos, metodologias, a gente mistura as pessoas, mas a mediação coletiva, fazer uma mediação inclusiva é difícil, eu acho que separar não inclui não. Eu percebo que só misturar não inclui, por que quando às vezes propõe, pelo contrário, às vezes você começa a perceber em alguns alunos, em algumas turmas, o processo de fortalecimento de grupos isolados, você acha que ta incluindo, não, você ta fortalecendo a separação, você propõe algumas atividades e eles já perguntam, vai ter ouvinte? Se tiver não quero não. Por que... acontece interação? Acontece, mas o fato de acontecer interação não quer dizer que está incluindo, eles

estão convivendo, mas estão reforçando o preconceito. Se não houver mediação nessas interações você levanta muros entre eles, aí tem grupos que não se dão de forma nenhuma. Falta ações por parte dos professores na tentativa de quebrar esses muros, de interação inclusiva, como eu falei é cada turma no seu quadrado. **(Miguel 10/2014)**

Isso é bacana, é positivo, isso é inclusão ou isso é uma maneira de possibilitar trabalhar com esses sujeitos? Eu vejo que na escola isso é uma tensão aqui dentro, por que professores defendem essa separação e outros não, então assim são pessoas muito experientes. Só que hoje ainda não posiciono em relação a isso, não defendo nenhuma dessas bandeiras, por que eu não tenho uma bagagem pra contextualizar, eu acho que ainda sou muito ingênuo pra saber o que é certo e defender, estou estudando e vendo que isto toda hora esta chegando para gente, por exemplo, através da sua pergunta. Só que eu vejo também que esses alunos vão se agrupando, eles ganham força quando se agrupam. Só que às vezes isso é ruim, por que quando, por exemplo, um entra em uma briga, os outros não podem abandonar ele, acaba que vira uma seita e eu não gosto disso. Mas porque eu não me posiciono? Por que eu preciso entender melhor, como eles se organizam. **(Eduardo 10/2014)**

Perguntei para os professores se eles consideram a estrutura física da escola apropriada para receber alunos deficientes. Os dois afirmam que ela não é adequada, mas colocam que ela vem melhorando.

Pois é, esse ano algumas rampas foram construídas, faltam talvez banheiros com fraldários. Melhorou bastante, mas ainda falta, com certeza pode melhorar ainda mais. Não sei se você reparou, mas na cantina não tem rampa, e ainda tem um degrau, tem rampa pra todo lado, mas na cantina não tem. **(Miguel 10/2014)**

Não, esse é um problema das escolas hoje, elas não atendem essa questão da inclusão, da acessibilidade, vira e mexe estamos com dificuldades aqui na escola, com cadeirantes, por exemplo, que temos que carregar no colo para levar no banheiro, muita dificuldade mesmo, o tempo todo a gente recebe esses sujeitos e temos que fazer acontecer, mas sempre com muita dificuldade. **(Eduardo 10/2014)**

Para finalizar a entrevista perguntei a eles se eles consideravam aquela escola, uma escola inclusiva. Os dois professores tem a mesma opinião, dizendo

que não é, mas está em processo, uma vez que por ela receber muitos alunos deficientes, está avançando para isso.

Está no processo, ela ainda não é muito, não é que ela não é inclusiva, ela ainda não promove ações de inclusão, mas acho que ela está no processo. O diferencial aqui em relação a outras escolas são as quatro ou cinco turmas de surdos, só isso. Faltam ações de mistura, igual tem professores surdos trabalhando com surdos, falta mistura, mas acho que está no processo. À gente continua com muros invisíveis, eu acho que a escola vai se tornar inclusiva quando conseguirmos brechas nesses muros, abrir portas neles. Pensando nos alunos surdos, eu não consigo ver inclusão sem antes aprender a comunicar com eles. E aí eu acho que no mínimo você tem q ter aula de libras no ensino regular. **(Miguel 10/2014)**

Como eu te falei anteriormente, inclusão depende da possibilidade de acesso, as coisas que a escola oferece. Aqui está em processo de inclusão, por exemplo, ao acesso físico que ainda não é bom, então para o menino ter um acesso pleno uma autonomia, a escola ainda não possibilita, então é algo que está no processo, mas isso não para não, mas aqui faz um movimento forte e sem dúvida está a frente de outras escolas. Muitos alunos são dispensados de outras escolas e são indicados para vir para cá, aqui é uma escola que acolhe. A gente ta avançando. **(Eduardo 10/2014)**

#### 4.3 Conversas informais com sujeitos da pesquisa

A fim de complementar as minhas observações e as entrevistas realizadas, tive uma conversa informal com duas pessoas que estão diretamente ligadas ao tema educação especial nessa escola. Uma delas é uma pedagoga que leciona para alunos surdos e que têm um histórico com pessoas deficientes em sua vida pessoal e a outra é uma auxiliar de apoio à inclusão que é responsável por cuidar, ajudar e apoiar os alunos deficientes.

Durante a conversa com a pedagoga percebi que ela mantém uma forte relação com alunos deficientes. Ela trabalha diretamente com alunos surdos, relata

que é filha de surdos e que foi criada e educada convivendo com pessoas que tem essa deficiência. Sua formação como professora se deu voltada para a educação especial. Nessa escola ela fala que poucos professores pensam sua prática voltada para a inclusão. Segundo ela, por trabalhar a muito tempo com esse público, ela acredita que falta muito para essa escola ser inclusiva, tanto no que diz respeito à prática dos professores quanto a questões estruturais. Perguntei para ela qual era a sua opinião sobre os cursos de formação de professores, ela diz que acha que nada esses cursos preparam para trabalhar com a educação especial, e quando tratam esse tema é de uma forma sutil e bem superficial, tanto que na sua formação ela diz que não recebeu nenhuma instrução para isso.

A auxiliar de apoio a inclusão que eu conversei me contou quais as funções deste cargo e como ele é atribuído dentro dessa escola. Ela coloca que está nesta função desde 2010, quando ela passou a existir no município de Belo Horizonte. Entre as funções deste cargo, estão as de acompanhar os alunos dentro de sala e fora dela também, os auxiliando no cumprimento de suas necessidades educativas, contribuindo assim para o seu desenvolvimento intelectual.

Então, o auxiliar fica dentro de sala com o aluno com necessidade educacional especial, aí a gente acompanha dentro de sala de aula para dar uma ajuda para o professor na alfabetização, até mesmo nas atividades, mas quem faz as atividades no caso aqui da escola é o professor, eu sento com o professor e a gente discute o que o aluno com deficiência ou necessidade educacional especial, eu sempre gosto de usar esse termo, a gente vê o que ele da conta e o que não, aí a gente procura fazer a atividade dentro daquilo que o professor ensina, porém é adaptada para esses alunos darem conta de fazer. **(Maria Clara 10/2014)**

Ensino médio completo é a exigência para exercer essa função. Por ter um convívio direto com esses alunos, ela relata que tem que gostar muito do que faz e que para ela não é um trabalho difícil e que ela aprende muito com eles, e que qualquer desenvolvimento que eles venham a ter, para ela já é satisfatório.

Antes daqui eu dava aula no município de contagem como designada, optei em deixar a sala de aula para trabalhar na inclusão mesmo, é por que eu gosto mesmo, eu acho que para você trabalhar com isso você tem que gostar, e não é gostar pouco não, é gostar muito, porque, o pouco que o aluno desenvolve pra mim é um ganho muito grande, pode ser pouquinho, bem pouco, só de ver que ele está conseguindo se desenvolver, nossa... fico satisfeita. **(Maria Clara 10/2014)**

Ela conta também que a prefeitura oferece cursos de capacitação para os auxiliares.

O auxiliar de apoio trabalha com qualquer tipo de deficiência, pode ser surdo, ou cego, paralisia cerebral, então quando eu entrei a gente tinha um curso de formação de trinta dias na própria secretaria municipal de educação. Hoje a gente tem uma formação mensal, uma vez por mês no sábado, a gente tem essa formação. A formação sempre falando, das deficiências mesmo. Tem pessoas que vão lá, para falar dessas deficiências, ate pro auxiliar de apoio saber quais são essas deficiências, e a gente poder trabalhar com mais tranquilidade. Nossa área é a área pedagógica, a gente não entra, não tem nada a ver com a área medica, é conhecer a deficiência para poder ajudar com ela. **(Maria Clara 10/2014)**

Sobre como ela vê a atuação dos professores com os alunos deficientes ela diz que nem todos estão capacitados, mas que ela vê que estão correndo atrás de se capacitar.

Falar que todos são capacitados não, seria hipocrisia eu falar que todos estão, mas pelo o que eu vejo, a prefeitura esta tentando capacitá-los, mas ai também vai do interesse de cada um, eles estão se esforçando, eu ouço comentários que falta mais formação, por exemplo, quando chega algum aluno com deficiência mesmo, eles falam que a prefeitura não da formação pra isso. **(Maria Clara 10/2014)**

Perguntei a ela se durante sua graduação ela teve disciplinas que abordassem o tema educação especial, ela diz que teve, mas que foram muito básicas.

Sim, tanto no curso de normal superior tinha matéria sobre educação especial, agora no curso de pedagogia a gente vê as deficiências, mas tem no curso a matéria de libras, incluída no currículo. Elas não me prepararam eu acho que é muito pouco o que a gente vê dentro da graduação aí eu busquei fora por que além de ter na graduação que é insuficiente, que deveria ter mais, eu busquei fazer um curso na UFMG de libras eu fui buscando por fora, mas não é suficiente o que a universidade passa para gente, primeiro que o curso de libras a gente não trabalha só com os surdos. Mas também é um avanço ter libras, por que antigamente não tinha, então se agente for comparar com vinte anos atrás esta caminhando, acho que futuramente vai ser muito melhor, por que se já inclui libras né. **(Maria Clara 10/2014)**

A posição que ela tem sobre as aulas de Educação Física é a de que os professores incluem os alunos deficientes nelas, entretanto ela diz que às vezes os alunos não dão conta de fazer determinada atividade, então os professores arranjam uma outra atividade adaptada para esses alunos fazerem.

Os alunos participam, o professor faz algumas atividades diferenciadas, igual, por exemplo, tem o Miguel, o professor Rodrigo, aí eles diferenciam as atividades, quando eles dão conta de fazer as atividades com os outros meninos eles fazem, quando não eles fazem uma atividade diferenciada, igual quando o Miguel com a cesta de basquete, tinha o Daniel que era cadeirante, então não dava pra ele jogar futebol, mas aí ele adaptava a cesta de basquete, aí as mãos se movimentavam pra acertar na cesta. Normalmente dentro da quadra ou aqui fora no Toto, uma turma fica na quadra a outra ficava aqui no Toto, então ele vinha aqui pro Toto, nossa ele adorava jogar. Eu também aproximo o aluno quando ele está distante, é o nosso papel ir lá, olhar o que ele pode fazer com eles pra ajudar ele a desenvolver, é também parte da nossa função de auxiliar de apoio mesmo é estar ajudando o professor nessas questões, ou seja, realmente incluir. **(Maria Clara 10/2014)**

Sobre a escola ter turmas só de surdos, ela diz querer ver eles juntos com os alunos ouvintes na mesma turma, mas afirma achar necessário um investimento da prefeitura para que isso aconteça.

Eu preferia vê-los nas turmas regulares, o ouvinte com os surdos, apesar de que eu não sei se a prefeitura esta preparada pra isso, por que também não adianta colocar só por colocar, acho que tem que ter todo um investimento da prefeitura nisso. Não é só colocar por colocar não, tem que ter um investimento. **(Maria Clara 10/2014)**

Sobre a estrutura da escola ela diz que ainda não é a ideal, mas que está melhorando em vista do que era anteriormente.

Ela melhorou, antes a gente não tinha aqui a rampa de acesso, então a escola ela vai se adequando. Se você for me perguntar sobre todos os sentidos não, mas ela tem caminhado, na entrada tem a rampa de acesso, para ir para salas foi construída a rampa de acesso esse ano, então a escola vai se adequando. O aluno que era, por exemplo, cadeirante, eles ficavam na sala aqui de baixo e não colocava-o no pavimento de cima por que não tinha acessibilidade, hoje ainda continua sem ter essa acessibilidade ao pavimento de cima. **(Maria Clara 10/2014)**

Ela diz que esta escola está à frente de muitas outras e que por ela receber muitos alunos deficientes, já tem um jeito diferente de trabalhar com eles.

Você comparando com as demais escolas, eu acredito que a gente possa até considerar que a gente está há anos luz a frente das outras escolas. O que a gente vê com colegas de trabalho da inclusão, que tem escola que não funciona de jeito nenhum, então aqui nossa, sou muito feliz de trabalhar nessa escola. Eu vejo as coisas acontecendo, pode não ser o ideal, entendeu, mas está avançando, tem avançado bastante. **(Maria Clara 10/2014)**

Ela coloca que não pode dizer que essa escola é inclusiva, mas esta muito perto de ser, primeiro pelo fato dela receber muitos alunos deficientes, segundo por ter uma equipe mais preparada do que outras escolas para receber esses alunos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo pude analisar a educação inclusiva em uma escola do município de Belo Horizonte, em especial nas aulas de Educação Física.

Através de observação participante, percebi que essa escola possui características bem diferentes de outras escolas da rede, como possuir muitos alunos deficientes matriculados, entre eles, uma grande quantidade de alunos surdos.

A educação especial é caracterizada pelos professores como uma educação que atende minorias e possibilita a elas o acesso à escola. Inclusão é vista por eles como um processo amplo que busca oferecer de forma igualitária a educação a todos os alunos. Consideram que para uma escola ser inclusiva ela precisa ter metodologias compartilhadas, ou seja, elas precisam atender a todos, e esses alunos precisam ser misturados, mas não apenas isso, todos alunos precisam entender que ninguém é igual a ninguém e que cada um tem o seu tempo de aprendizagem, só assim a partir desse diálogo com eles, o processo de inclusão poderá acontecer.

Quando se fala em Educação Física os professores e outros sujeitos dessa pesquisa consideram a participação dos alunos deficientes nas aulas, mas dizem ser um desafio incluí-los, uma vez que esta disciplina lida com o movimento, e que muitas vezes este precisa ser adaptado para que isso aconteça. Não fica claro, como os professores de Educação Física incluem alunos deficientes em suas aulas, apenas se faz entender que esses alunos estão presentes nelas.

A relação dos alunos deficientes com os não deficientes é vista de diferentes formas pelos sujeitos participantes. Alguns consideram que o tratamento com os deficientes é sempre com um sentimento de dó e de pena, outros consideram que eles se relacionam bem, que participam juntos de muitas atividades. Para outro, quando se trata dos alunos surdos, esses possuem uma resistência em se misturar com os alunos ouvintes, quando é proposta essa interação, eles rapidamente negam.

Percebo na escola a presença de professores intimamente ligados ao tema educação especial, professores que buscam se inteirar sobre o tema e se capacitar, mas há também aqueles indiferentes.

Há nesta escola a presença de auxiliares de apoio a inclusão, professores intérpretes da língua brasileira de sinais (LIBRAS) e instrutores dessa mesma língua. Há uma participação dos pais e da comunidade dentro da escola, através de cursos, palestras e assembleias.

A estrutura dessa escola é favorável, até certo ponto, para atender alunos deficientes. Possui dois andares, algumas escadarias e degraus espalhados por seus espaços. Possui algumas rampas, recém construídas, um fraldário, mas o acesso há alguns locais da escola ainda é restrito para alguns alunos como cadeirantes por exemplo, na própria cantina mesmo há um degrau para ter acesso a ela.

Todos os sujeitos participantes dessa pesquisa alegam não ter uma posição fundamentada sobre a escola ter turmas só de surdos, acreditam que o melhor seria eles estarem juntos com outros alunos nas turmas regulares, mas também apontam que esses alunos não podem ser colocados nessas turmas regulares só por colocar, precisa ser oferecido a eles, toda uma estrutura para que

ocorra o aprendizado, não só a eles mas aos outros alunos para que se comuniquem com os surdos.

Todos os participantes alegam que tiveram em sua formação disciplinas que trataram da educação especial, mas de forma básica e superficial. Para alguns elas foram importantes para começar uma discussão sobre o assunto e para, pelo menos mostrar para eles que esta população existe, mas alegam que elas não os preparam para atuar com alunos deficientes. Alguns relatam que buscam por fora se inteirar sobre esse tema, outros argumentam falta de tempo para investir em uma formação continuada, mas buscam informações através de conversas com professores mais experientes e através do próprio cotidiano escolar aprender como melhorar a sua prática com esses alunos.

Os sujeitos participantes dessa pesquisa concordam que esta escola realmente tem um diferencial em relação às outras, mas dizer que ela é inclusiva ainda é cedo, entretanto acreditam que ela está passando por esse processo e que no futuro ela poderá ser considerada como tal.

Conforme os ordenamentos legais para a educação especial, onde se tem várias diretrizes para a inserção de alunos deficientes na escola, como a criação de metodologias, currículos, técnicas, a oferta de profissionais especializados como intérpretes, instrutores, auxiliares de apoio a inclusão, a possibilidade de acesso aos vários espaços da escola através da eliminação de barreiras arquitetônicas e entendendo inclusão como um processo de pertencimento, de reconhecimento da diversidade e igualdade de direitos, pode se concluir que esta escola está se preparando para ser inclusiva, contudo falta investimentos quanto a capacitação de profissionais, reformas estruturais, envolvimento por parte de toda a comunidade escolar e mais do que isso compreensão do que realmente é a inclusão para que realmente ela aconteça.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em:  
< [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>
- BRASIL. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, 17 nov. 2011. Disponível em:  
<[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm)>
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em:  
<[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>
- BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB N.2**, de 11 de set. 2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.
- CHICON, J.F. Inclusão e exclusão no contexto da educação física escolar. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.14, n.01, p.13-38, janeiro/abril de 2008.
- GORGATTI, G.M; JÚNIOR, R.D. Percepção de professores quanto à inclusão de alunos com deficiência em aulas de educação física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.15, n.02, p. 119-140, abril/junho de 2009.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E, D, A. **Pesquisa em Educacao**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- LIMA, P. A. **Educação Inclusiva e Igualdade Social**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.
- Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica: 2012 É resumo técnico**. . Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013.
- Ministério da Educação. Secretaria de educação especial. **Política Nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Disponível em:  
<[HTTP://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12345&ativo=711&Itemid=709](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12345&ativo=711&Itemid=709)> . Acesso em: 10 Ago.14.
- NOGUEIRA, R. F. S. **O lugar da educação especial no currículo de um curso de licenciatura em educação física**. 2010. 40f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) . Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

## APÊNDICES

### Apêndice I: Roteiro de entrevista

#### **Educação especial: análise da educação inclusiva nas aulas de educação física em uma escola do município de belo horizonte**

##### **Entrevista:**

- O que você entende por educação especial?
- O que você entende por educação inclusiva?
- Você tem conhecimento das leis e decretos que regem a educação especial?
- O que você considera necessário para uma escola ser inclusiva?
- Você se considera preparado para atuar com alunos deficientes?
- O que você considera necessário para que uma aula de Educação Física tenha, para incluir algum aluno deficiente nela?
- Qual foi sua maior dificuldade em preparar uma aula para uma turma com alunos deficientes?
- Você investiu em alguma formação continuada para poder se capacitar em trabalhar com alunos deficientes?
- Qual foi sua reação quando você chegou nessa escola e soube que ela era referência em receber alunos deficientes?
- Você recebeu apoio de outros funcionários da escola para poder preparar e até mesmo realizar suas aulas?
- Em relação a essa escola, como você considera a relação os alunos deficientes com os não deficientes?
- E dos professores com os alunos deficientes?
- Você percebe algum tipo de preconceito por parte dos alunos ou dos professores com os alunos deficientes?
- A escola investe em cursos para capacitar seus funcionários a trabalhar com alunos deficientes?
- A comunidade em geral e os pais participam para que essa escola seja inclusiva?

- O que você acha dessa escola ter turmas só de surdos? Você considera isso um processo inclusivo?
- Em relação a estrutura física da escola, você considera adequada para receber alunos deficientes?
- Em relação ao dia que você chegou nessa escola até hoje em dia o que mudou na sua forma de pensar sobre educação especial?
- Você considera essa escola, uma escola inclusiva?